

**Papo de Índio**

TXAI TERRI VALLE DE AQUINO &amp; MARCELO PIEDRAFITA IGLESIAS

**SOBRE PALAVRAS E ÁGUAS**

MURILO SEABRA \*

**Q**uando estava em Marechal Thaumaturgo, observei uma coisa curiosa. Algo que, na verdade, deve acontecer todos os dias em infinitos lugares do mundo, mas só consegui realmente enxergar pela primeira vez por lá.

Fui com um senhor na casa de um outro senhor, amigo dele; e o primeiro já chegou gritando, feliz da vida: “Seu viado! Seu corno!” O outro ficou tão feliz em rever o amigo que gritou também: “Seu viado! Seu corno! Seu cabra safado! Vem cá pra eu lhe dar uma pisa! Vem se for homem!”

Então, achei a coisa interessante. Pareceu-me que a ligação afetiva entre eles era tão forte que poderiam troçar das convenções sem temerem ofender um ao outro. Era assim que celebravam o seu reencontro.

São tão amigos! Tão amigos! Tão amigos que podem trocar entre eles palavras que os inimigos trocam entre si! Tão amigos que podem se xingar mutua-



Murilo e seu Dosa, quebrando tijolos debaixo do sol do meio-dia de Marechal Thaumaturgo

mente dos piores nomes possíveis! Tão amigos que deixam de ser xingamentos e passam a ser

manifestações de afeto!

Aliás, o nosso xingar mútuo é uma espécie de confirmação e de

celebração de uma inquebrantável amizade!

É uma espécie de marretar

festivamente o vidro não quebrável só para mostrar que ele é não quebrável!

**Palavras e linguagem**

São só as pessoas com as quais não temos ainda laços afetivos estreitos e inquebrantáveis que tratamos com deferência. São só com elas que medimos as palavras, que seccionamos a linguagem em dois, usando só a sua parte semanticamente inofensiva e deixando a outra nos recessos mornos do silêncio.

A linguagem não é um tecido afetivamente homogêneo com o qual as pessoas revestem as coisas e no qual embrulham umas as outras. Ela é antes uma colcha de retalhos das mais diversas proveniências e que serve aos mais diversos fins.

Entre os seus retalhos há alguns mais ásperos, outros mais suaves, alguns de um verde aconchegante, outros de um vermelho sanguíneo, todos compondo juntos uma unidade. Porém, uma unidade tumultuosa, uma unidade que beira o caos, uma voz única temperada a sussurros adocicados e a gritos apimentados.

Não é incrível que as palavras usadas para acionar os afetos mais terríveis possam ser também usadas para acionar os afetos mais profundos? “Seu viado! Seu corno!”. Há palavras de afeto que os casais nunca trocam entre si - pelo menos, não sem o risco de incitar desafeto.

Em nossas sociedades, a abertura para trocas lingüísticas parece ser inversamente proporcional à abertura para trocas corporais: elas refratam umas as outras, elas ameaçam umas as outras, elas contami-



Pessoas tomando banho no rio Juruá num domingo de Marechal Thaumaturgo

nam umas as outras.

Lembremos do Nietóchka Niezvánova de Dostoiévski ou do Inferno de Strindberg: no primeiro, temos um violinista que oscila entre o seu talento e o seu casamento. No segundo, temos um drama semelhante, mas não com um violinista e sim com um alquimista. O que importa, na verdade, é que nos dois casos vemos os conflitos entre trocas lingüísticas e trocas corporais travarem-se na interioridade de dois gênios.

O primeiro, o violinista, não consegue optar entre o seu talento e o seu casamento e acaba por desgraçar ambos. O destino do segundo, o alquimista, não é muito diferente.

O que vemos aqui? Vemos o medo atávico dos homens de conversarem com as mulheres. Elas arruinam tudo o que tocam lingüisticamente. Pelo menos, é o que supõem os personagens de Dostoiévski e de Strindberg - e possivelmente também os próprios Dostoiévski e Strindberg.

Talvez seja por isso que com as mulheres seja necessário sempre usar palavras mansas, palavras comedidas. Talvez seja por isso que jamais se possa entrar com elas nas regiões mais apaixonantes da linguagem, onde se discute, por exemplo, como transformar o chumbo em ouro.

Estou me fazendo entender? Comecei aqui falando do encontro de dois senhores de idade relativamente avançada. Expliquei que trocaram entre si palavras ofensivas amigavelmente.

Depois aventei que a linguagem não é afetivamente homogênea e que é um mistério que palavras deflagradoras de inimizades possam também aprofundar amizades. Mas talvez devesse ter dito que os dois senhores eram do mesmo sexo.

Pois há interdições lingüísticas entre as pessoas dos dois grandes clãs sexuais de nossas sociedades (a saber, o clã feminino e o clã masculino), assim como há interdições corporais entre as pessoas do mesmo clã sexual (embora seja verdade que a homossexualidade esteja se tornando cada vez mais palatável).

As trocas lingüísticas devem ser essencialmente entre pessoas do mesmo sexo e as trocas corporais essencialmente entre pessoas de sexos diferentes. Quanto mais densas forem as trocas lingüísticas, mais elas deverão ser intracônicas. Quanto mais densas forem as trocas corporais, mais elas deverão ser interclônicas.

O resultado é que os casais costumam usar entre si uma linguagem mais calculada, mais ponderada, mais cerimoniosa. Achar necessário seguir as convenções.

Talvez por medo de que discordâncias políticas, filosóficas ou futebolísticas rompam os frágeis laços afetivos que os mantêm unidos, tomam cuidado para manterem suas trocas lingüísticas no nível do “Passa o sal!”.

Sentem no fundo de suas consciências que a falta de unidade espiritual pode ameaçar a unidade carnal.



# Águas do Amônia

Então, por que estava eu com aqueles dois senhores – seu Raimundo e seu Dorico? Foi por causa das crianças que brincam, nadam e banham no rio Amônia. Foi por minha causa. Foi por causa do rio Amônia.

Eu tinha chegado lá há poucos meses, não sabia praticamente nada do que acontecia ali. E acostumei-me a brincar, nadar e banhar no rio Amônia com meus queridos amigos: Átilo, Neném, Breno, Neiva, Bob, Vaguila, Naldinho.

Então, eis que o senhor Izaquiel me trouxe uma palavra amiga de advertência: “Rapaz, se eu fosse você, não tomava banho naquelas águas... Se você visse... Um pouco mais acima, acima do Dosa, acima do Dorico, os açougueiros jogam os couros dos bois abatidos...”

Lá os urubus fazem a festa. Arrastam os couros para água, creio que para amolecê-los... São espertos!”

Na verdade, tratava-se até de uma prática ilegal – da qual todo mundo tinha conhecimento, mas a respeito da qual ninguém fazia nada.

A única exceção foi o senhor Dorico. Munido apenas de coragem e sensatez, sem saber que a lei estava ao seu lado (ou sabendo que a lei estava ao seu lado, mas também sabendo que as autoridades locais sabiam das irregularidades e nada faziam a

respeito delas), resolveu ter com os responsáveis.

Com palavras decorosas, explicou que sua família fazia uso da água do rio, que netos seus já tinham contraído diversas vezes diarreia, que o forte odor dos restos bovinos em putrefação incomodava às vezes o dia inteiro. Nada! Suas palavras absolutamente sensatas e cuidadosamente medidas não surtiram nenhum efeito. A razão tem pouco poder em nossas sociedades.

O resto da história – o resumo do resto da história – pode ser lido no Papo de Índio da Mariana Pantoja de 11/11/07.

Em essência, comecei a discutir o assunto com meus alunos. Um pouco para se divertir e um pouco também para endireitar as coisas, foram comigo verificar se o que o senhor Izaquiel dizia era verdade.

Então, o processo todo se desencadeou. Em uma ou duas semanas, já estávamos na Câmara dos Vereadores de Marechal Thaumaturgo.

Para a infelicidade daqueles que não queriam mudar as coisas, só passar a impressão de que queriam mudar as coisas, houve quorum.

A prática que já era proibida ficou proibida de novo. A prefeitura comprometeu-se a dar cabo dos couros. Entenda-se: a mudar o problema de lugar. As coisas melhoraram para o senhor Dorico



Barcos no porto de Marechal Thaumaturgo, próximos de onde a bomba puxa água para a cidade

co e para toda a sua família.

Espero que meus alunos tenham aprendido alguma coisa com a história toda. Mas nunca mais consegui entrar no rio Amônia com a mesma felicidade.

É para mim absolutamente incompreensível que um povo destrua seus próprios recursos hídricos.

É para mim absolutamente incompreensível que use contra si mesmo tática de guerra que exércitos inimigos usam um contra o outro para fragilizar-se.

Não é que os thaumaturguenses – moradores ou nascidos lá – não tenham afeto pelo seu ter-

ritório. O problema é que a distribuição territorial do afeto que sentem por Marechal Thaumaturgo carece de alguma coisa...

Parece que amam mais a idéia de civilização encarnada por Marechal Thaumaturgo do que o espaço concreto ocupado por Marechal Thaumaturgo.

Eles derrubam árvores para que suas folhas não sujem as ruas. Eles jogam restos de animais nas margens e mesmo dentro dos rios de onde sairá a água que abastecerá suas casas.

Tomarão banho com água contaminada, farão comida com água contaminada, beberão água contaminada. Eles não têm suficiente afeto pelos componentes do seu território de que mais precisam.

Por outro lado, eles não admitiriam que os restos de animais abatidos fossem jogados, por exemplo, sobre os túmulos de seus ancestrais.

Temos aqui uma porção do espaço thaumaturguense altamente catexizada topofilicamente, altamente investida de afeto geográfico, embora seja absolutamente inessencial funcionalmente. Sua importância é simbólica. A importância dos recursos hídricos de Marechal Thaumaturgo, porém, não é apenas simbólica.

Se acenamos aqui para a topofilia (a lógica espacial dos afetos) thaumaturguense, por que não acenar também para a toponímia (a lógica espacial dos nomes) thaumaturguense? Na verdade, as duas abordagens aqui se encontram.

A falta de afeto pelos recursos

hídricos de Marechal Thaumaturgo leva a um uso pouco respeitoso deles. O resultado é que estão sendo degradados. O que não desperda mais do que indiferença.

Há menos de dez anos, as águas do principal igarapé que corta Marechal Thaumaturgo eram limpas. Os moradores lá lavavam suas louças, tomavam seus banhos e até matavam sua sede. Hoje, ele está absolutamente inutilizável e prestes a virar um canal de esgoto.

É preciso também dizer que hoje a pequena Marechal Thaumaturgo importa muito mais água do que importava dez anos atrás. São cerca de cento e cinquenta galões de água por mês trazidos de fora.

Eu queria chegar ao ponto em que a topofilia e a toponímia se encontram: é que a falta de afeto pelos recursos hídricos abre caminho para a sua degradação e a sua degradação força uma reconfiguração signífica.

Vamos adiante: e se o curso d'água que era antes chamado de 'igarapé' começa a ser chamado de 'igapó' (mais ou menos: um igarapé que não chega no rio) ou mesmo de 'grota' (mais ou menos: um igarapé mais estreito), então fica mais difícil palatibilizar a idéia de recuperação ambiental.

Pois, assim, o fato de que houve uma transformação topográfica (hidrográfica, para ser mais preciso) apaga-se: os nomes reajustam-se às coisas e a história do meio ambiente volta à estaca zero. Parece que nada foi degradado, parece que não há nada a ser recuperado.

Assim, talvez, as novas gerações de Marechal Thaumaturgo deixariam de tratar a si mesmas como os povos inimigos tratam uns aos outros. Ou pelo menos – quem sabe? – pegariam mais leve.

**\* Murilo é um jovem filósofo de Brasília, formado pela UnB, que trabalha, desde 2006, como professor de inglês, história da arte e filosofia na Escola Estadual Elvira Ferreira Gomes, em Marechal Thaumaturgo /AC**



Marechal Thaumaturgo vista da Escola Estadual Elvira Ferreira Gomes

## Questões ambientais na sala de aula

Discuti todas essas questões com meus alunos, enfrentando muitas vezes o desinteresse, a incompreensão e a impressão generalizada de que refletir sobre problemas locais (estimular uma atenção especial às regiões mais imediatas do espaço) e atuais (estimular uma atenção especial às seções mais imediatas do tempo) era fugir ao conteúdo disciplinar. Mas não seria a atitude oposta que deveria ser chamada de 'fugir'?

Em todo caso, o que eu fiz estava em perfeito acordo com os ideais oficiais de educação – e inclusive com o projeto político-pedagógico da escola.

Cruzar disciplinas, levantar questões ambientais, estimular os estudantes a saírem da escola como cidadãos ativos, não como cidadãos passivos, estimulá-los a serem também produtores, não apenas reprodutores de conhecimento: eis aqui algumas coisas que as autoridades brasileiras de

educação oficialmente esperam dos professores.

Do meu lado, não quis perder a oportunidade de chamar a atenção dos jovens com os quais me encontrava toda semana para o aqui e o agora, isto é, para o lugar e o tempo onde vivem – por mais que minha competência fosse colocada em questão.

Porém, não se pode mexer com o curso normal das coisas impunemente. Recebi algumas indiretas, algumas alfinetadas.

Sofri desgastes emocionais. Mas valeu a pena. A família do Dosa me deu apoio, me deu força.

Gostaria que os outros professores falassem dessas questões. Gostaria que eles conectassem mais intimamente os conteúdos disciplinares com o mundo exterior.

Gostaria que os pastores (que são quem os thaumaturguenses mais ouvem) também falassem dessas questões (ao invés de disseminarem bizarrices como “O que Deus fez não se acaba!”).